

As Redes Sociais nas Manifestações de Maputo: Uma Análise da Etnografia Digital

Introdução

As manifestações que eclodiram em Maputo em Outubro de 2024 representam um momento singular na história social moçambicana, onde as redes sociais emergiram como elementos centrais de articulação política e mobilização popular. Este estudo analisa, através de uma perspectiva etnográfica digital, como diferentes plataformas – *Facebook*, *X*, *Instagram* e *WhatsApp* foram apropriadas e transformadas em instrumentos sofisticados de resistência política, documentação da repressão e construção de redes de solidariedade.

A análise destas manifestações exigiu um quadro teórico capaz de capturar, tanto as especificidades do contexto africano contemporâneo, quanto as dinâmicas particulares dos movimentos sociais mediados por tecnologias digitais. Fundamentalmente, o estudo apoia-se em duas principais contribuições da antropologia contemporânea.

Central ao estudo está a antropologia política dos Comaroff (2012), particularmente a sua teorização sobre movimentos sociais em contextos pós-coloniais africanos e o seu conceito de “política do descontentamento”. Esta perspectiva teórica oferece ferramentas cruciais para compreender como diferentes formas de insatisfação social se articulam através de plataformas

Dilman Michaque Gabriel Mutisse

Antropólogo,
pesquisador independente

digitais, permitindo examinar como experiências individuais de privação se conectam com críticas estruturais ao sistema vigente através das redes sociais.

Complementarmente, o trabalho de Honwana (2013) sobre a juventude africana fornece bases fundamentais para analisar como uma geração que combina educação formal com experiência de precariedade desenvolve formas particulares de consciência e acção política. A sua análise da condição de “*waithood*”, o tempo de espera entre jovens africanos oferece instrumentos teóricos importantes para compreender como frustrações sociais são transformadas em mobilização política através das redes digitais.

Metodologicamente, o estudo fundamenta-se na abordagem da etnografia digital desenvolvida por Miller (2016), que oferece ferramentas metodológicas cruciais para compreender como plataformas digitais são apropriadas em diferentes contextos culturais, argumentando que cada sociedade desenvolve formas particulares de utilizar e dar significado às redes sociais. O seu trabalho sobre as mídias sociais e as suas implicações na vida quotidiana fornece bases

sólidas para analisar como diferentes plataformas digitais assumem papéis específicos em contextos de mobilização política.

Esta perspectiva metodológica permite examinar como cada plataforma digital desenvolve funções particulares dentro do movimento:

- o *WhatsApp* como ferramenta de coordenação táctica imediata, permitindo adaptações rápidas face à repressão;
- o *Facebook* como espaço de elaboração de narrativas políticas mais amplas, onde experiências individuais são conectadas com críticas estruturais;
- o *X* como ambiente de análise política mais elaborada, onde manifestantes desenvolvem críticas sofisticadas ao sistema vigente;
- e o *Instagram* como arquivo visual dos protestos, documentando desde os momentos de mobilização pacífica até às situações de confronto com forças policiais.

O artigo estrutura-se em quatro secções principais. A primeira examina as redes sociais como espaço de articulação política, analisando como diferentes plataformas digitais foram apropriadas e articuladas estrategicamente pelos manifestantes. A segunda analisa a juventude educada entre precariedade e resistência, focando na dimensão económica das manifestações e como as redes sociais foram utilizadas

para documentar e contestar desigualdades estruturais. A terceira investiga a documentação digital da violência e a transformação do testemunho em resistência, examinando como os registos de repressão policial foram convertidos em instrumentos de mobilização. A quarta secção analisa a trilha sonora da resistência, focando no papel da memória do rapper Azagaia¹ nas redes sociais e a sua importância na articulação do descontentamento.

Este estudo busca contribuir para a compreensão das formas contemporâneas de mobilização social em contextos africanos, particularmente no que diz respeito ao uso de tecnologias digitais em movimentos de resistência política. A análise das manifestações de Maputo oferece uma oportunidade para examinar como as redes sociais são apropriadas e transformadas em instrumentos de articulação política em contextos marcados por profundas desigualdades sociais. Ao focar nas formas específicas como diferentes plataformas digitais foram utilizadas e articuladas pelos manifestantes, o estudo busca iluminar aspectos importantes das dinâmicas contemporâneas de mobilização social em África.

As Redes Sociais como Espaço de Articulação Política

Conforme apresentado na introdução, as manifestações de Outubro de 2024 em Maputo foram marcadas por uma utilização estratégica das redes sociais. Uma análise detalhada do material digital revela um quadro complexo onde diferentes plataformas foram apropriadas de forma complementar e sofisticada

pelos manifestantes. Cada rede social assumiu funções específicas dentro de uma estratégia mais ampla de resistência, permitindo articular o descontentamento social e coordenar acções de protesto através de múltiplos canais digitais. Esta apropriação diferenciada das plataformas digitais demonstra como os manifestantes desenvolveram uma compreensão aprofundada das potencialidades de cada espaço virtual, transformando-os em instrumentos efectivos de mobilização política.

Entre todas as plataformas digitais, o *WhatsApp* emergiu como a mais crucial para a coordenação táctica imediata durante as manifestações. Grupos públicos funcionavam como verdadeiros centros de comando descentralizados, onde informações sobre movimentações policiais, rotas de fuga e pontos de reagrupamento circulavam em tempo real.

“URGENTE: Polícia a caminho da Av. Julius Nyerere. Dispersar em grupos pequenos. NÃO APAGAR esta mensagem, partilhar em outros grupos”

— mensagens como esta, que circulou extensivamente em 23 de Outubro, exemplificam como a plataforma permitia adaptações tácticas rápidas face à repressão.

Além da coordenação imediata de acções nas ruas, o *WhatsApp* serviu como espinha dorsal para organizar redes cruciais de apoio durante os protestos. Grupos específicos coordenavam assistência jurídica para manifestantes detidos, apoio médico para feridos, distribuição de água e máscaras, e documentação sistemática de violações de direitos. Esta capacidade de rapidamente mobilizar diferentes tipos de

suporte revelou-se fundamental para a sustentação dos protestos ao longo do tempo.

Enquanto o *WhatsApp* funcionava como ferramenta táctica, o *Facebook* emergiu como espaço privilegiado para elaboração e disseminação de narrativas políticas mais amplas. Páginas públicas transformaram-se em epicentros digitais do movimento, onde manifestantes não apenas partilhavam informações práticas, mas desenvolviam análises críticas profundas do sistema político. Uma publicação que se tornou viral em 24 de Outubro sintetiza esta função:

“49 anos do mesmo sistema. Cada concurso público já tem dono. Cada bolsa de estudo vai para filhos deles. Cada contracto do Estado tem os mesmos beneficiários. Não é coincidência, é projecto de poder. E hoje dizemos: BASTA!”

A plataforma permitiu que experiências individuais de privação fossem conectadas com críticas estruturais ao sistema vigente. Relatos pessoais de exclusão, de jovens formados sem emprego, de indivíduos sem acesso a serviços básicos eram transformados em evidências de problemas sistémicos. Esta capacidade de traduzir frustrações pessoais em crítica social mais ampla foi crucial para se construir um sentido de causa comum entre diferentes grupos sociais.

O *X*, por sua vez, destacou-se como espaço de análise política mais elaborada e conexão com redes internacionais de solidariedade. Através de *threads*² extensas, manifestantes, especialmente jovens universitários desenvolviam análises detalhadas da situação

política e económica do país. *Hashtags*³ como “#PovoNoPoder”, #Manifestações2024, “#Maputo2024” não apenas agregavam informações sobre protestos, mas construíam narrativas colectivas sobre as raízes do descontentamento social. A plataforma também facilitou conexões importantes com movimentos sociais de outros países africanos, que partilhavam experiências e táticas de resistência.

Complementando estas diferentes formas de comunicação textual, o *Instagram* transformou-se em arquivo visual poderoso das manifestações. *Stories*⁴ em tempo real documentavam desde momentos de concentração pacífica até situações de confronto com forças policiais. Cada fotografia de cartaz, cada vídeo de multidões nas ruas, cada registo de violência policial contribuía para construir uma narrativa visual do movimento que rapidamente circulava além das fronteiras nacionais.

A plataforma mostrou-se particularmente efectiva na documentação de violações de direitos humanos. Vídeos de violência policial rapidamente se tornavam virais, gerando ondas de indignação que alimentavam novos protestos. “*Filmem tudo! Eles têm armas, nós temos telemóveis*”. Esta frase, que se tornou uma palavra de ordem comum entre manifestantes, sintetiza bem como a documentação visual foi transformada em instrumento de resistência.

Um aspecto crucial desta apropriação das redes sociais foi a articulação estratégica entre diferentes plataformas. Quando uma via de comunicação era bloqueada, manifestantes rapidamente migravam para outras

plataformas. Esta flexibilidade táctica foi acompanhada pelo desenvolvimento de protocolos sofisticados de segurança digital. Manifestantes criaram códigos e linguagens específicas para comunicar informações sensíveis, estabeleceram redes de verificação para combater a desinformação. Estas inovações tácticas demonstram como o movimento rapidamente desenvolveu capacidades técnicas e organizacionais significativas.

As redes sociais também foram cruciais para construir e manter redes de solidariedade económica durante os protestos. Mensagens coordenavam boicotes a grandes estabelecimentos e incentivavam apoio a pequenos comerciantes.

“ATENÇÃO: Amanhã ninguém compra nos grandes supermercados. Vamos apoiar as bancas do nosso povo!”

Estetipo de mensagem, que circulou extensivamente, exemplifica como a acção política e solidariedade económica se entrelaçaram através das redes digitais.

O que emerge desta análise é uma compreensão de como as redes sociais foram transformadas em instrumentos sofisticados de resistência política durante as manifestações de Maputo. Cada plataforma assumiu funções específicas dentro de uma estratégia mais ampla de mobilização, permitindo formas de organização política simultaneamente flexíveis e resilientes. Esta apropriação estratégica das redes sociais demonstra como movimentos sociais contemporâneos em África desenvolvem capacidades sofisticadas de utilizar tecnologias digitais para articular diferentes formas de descontentamento e construir acções colectivas efectivas.

A Juventude Educada entre Precariedade e Resistência: Uma Análise Económica

Enquanto cada rede social assumia funções específicas nas manifestações de Maputo, eram os jovens com formação superior que emergiam como os principais articuladores destas plataformas digitais.

A dimensão económica destas manifestações ganhou contornos particulares através das redes sociais.

“Tenho mestrado e vendo na rua para sobreviver. Meus pais investiram tudo na minha educação, acreditando que seria diferente. Mas aqui estou, igual a eles, lutando pelo básico.”

Esta mensagem, que circulou extensivamente nas redes sociais, sintetiza uma condição central na experiência da juventude moçambicana contemporânea: a combinação paradoxal entre elevada qualificação formal e exclusão económica sistemática.

“Somos a primeira geração que tem educação e acesso à internet, mas também somos a geração que não tem emprego nem futuro”,

explicou um jovem manifestante, sintetizando a condição paradoxal que caracterizava esta juventude. Esta frase captura a essência de uma geração que combina formação académica com experiência sistemática de precariedade.

Nas plataformas digitais, especialmente no X, esta juventude desenvolveu análises elaboradas da situação política e económica.

“Minha história é a história de milhares: formada, falo três línguas, tenho especializações... e trabalho em call

center. Enquanto isso, filhos de ministros ocupam cargos sem concurso. É contra esse sistema que lutamos”,

escreveu uma manifestante em uma *thread* que se tornou viral.

A documentação sistemática das desigualdades económicas nas redes sociais transformou experiências individuais de privação em mapeamentos colectivos que evidenciavam padrões estruturais de exclusão.

“MAPA DA DESIGUALDADE: Preço médio aluguel centro: 30.000 MT Salário médio jovem formado: 25.000 MT Custo transporte mensal: 3.000 MT Como sobreviver assim?”

Este tipo de análise demonstra como dados económicos eram transformados em instrumentos de mobilização política.

“Não somos apenas jovens frustrados. Somos uma geração que entende como o sistema funciona e não aceita mais suas justificativas vazias. Cada diploma nas ruas é uma denúncia deste projecto de poder que nos exclui”,

afirmava um manifesto amplamente partilhado em grupos de WhatsApp. As redes sociais permitiram que esta juventude documentasse sistematicamente as contradições que enfrentava.

A tradução desta consciência económica em formas concretas de acção colectiva manifestou-se em propostas de paralisação e boicote:

“PROPOSTA DE PARALISAÇÃO: Boicote total, não vamos trabalhar, não vamos fazer-nos à rua. Só vão ouvir-nos quando os atingirmos.”

Estas mensagens revelam como a compreensão das contradições económicas se traduzia em acções práticas de resistência.

“Quem tem pai ou tio no governo consegue tudo: emprego, bolsas, casa. Nós aqui só servimos para votar?”

Este tipo de comentário, frequente nas discussões *online*, demonstra como experiências pessoais de exclusão eram articuladas em críticas mais amplas às estruturas de poder estabelecidas.

“Não é coincidência. Todo concurso público já tem dono. Todas bolsas de estudo vão para os filhos deles. Cada negócio lucrativo está nas mãos das mesmas famílias há 49 anos”,

publicações como esta demonstram como os manifestantes conectavam as suas experiências de exclusão económica com críticas ao sistema de privilégios.

As redes sociais também serviram para organizar formas concretas de solidariedade económica.

“Cada pessoa deve comprar nas bancas das pessoas desfavorecidas. ATENÇÃO: Sem pedir descontos.”

Este tipo de orientação exemplifica como o movimento desenvolveu táticas específicas de apoio mútuo económico.

A efectividade destas táticas económicas foi documentada nas próprias redes:

“ATUALIZAÇÃO IMPACTOS: Mercado Central praticamente vazio. Grandes supermercados sem movimento. Transportes semicolectivos reduzidos. A cidade está parada de verdade.”

Esta capacidade de afectar fluxos económicos urbanos representa uma manifestação concreta do descontentamento articulado.

O que emerge desta análise é uma compreensão de como uma geração que combina educação formal com

exclusão económica sistemática desenvolveu capacidades sofisticadas de utilizar plataformas digitais para traduzir frustrações individuais em crítica social estruturada. Esta articulação entre formação académica, experiência de precariedade e domínio das redes sociais produziu formas inovadoras de resistência política em Moçambique.

Documentação Digital da Violência: A Transformação do Testemunho em Resistência

A capacidade técnica e organizacional da juventude educada manifestou-se de forma particularmente significativa na documentação sistemática da violência policial durante as manifestações em Maputo. Utilizando os seus telemóveis e conhecimento digital, os manifestantes transformaram cada acto de repressão em evidência documentada, desenvolvendo um sofisticado sistema de registo e disseminação de informações através das redes sociais.

“URGENTE: Polícia dispara gás lacrimogéneo e balas verdadeiras contra manifestantes desarmados. Partilhem! O mundo precisa ver isso!”

mensagens como esta, que circularam extensivamente nas redes sociais, marcavam o início de um processo sistemático de documentação da acção policial durante os protestos.

A circulação intensiva de vídeos mostrando confrontos entre polícia e manifestantes exemplifica como o descontentamento se articulava através do registo sistemático da violência. Uma dimensão significativa desta articulação foi a ênfase no carácter pacífico das manifestações:

“Vejam os vídeos: estávamos cantando, com mãos levantadas. Por que disparam em pessoas desarmadas?”

Esta narrativa, construída através de evidências visuais, circulava constantemente nas redes sociais.

Os manifestantes desenvolveram uma compreensão sofisticada do poder da documentação digital.

“Quando disparam gás, recuamos, mas não dispersamos. Reagrupamos em grupos menores. Documentamos tudo. Eles têm força, nós temos as redes”,

explicava uma mensagem compartilhada em grupos de WhatsApp. Esta tática de documentação sistemática transformava cada acto de repressão em evidência que rapidamente circulava pelas redes, alimentando novos ciclos de mobilização.

As plataformas digitais também funcionaram como espaços de articulação entre o local e o global.

“ALERTA MUNDO: Forças policiais moçambicanas disparam contra manifestantes pacíficos. Vídeos anexados mostram uso desproporcional da força. Pedimos atenção da comunidade internacional”,

publicações como esta demonstram como os manifestantes buscavam amplificar o alcance de sua documentação para além das fronteiras nacionais.

A capacidade de transformar cada acto de repressão em evidência mobilizadora alterou fundamentalmente a dinâmica entre Estado e manifestantes.

“Vamos filmar todas essas coisas que esses polícias andam a fazer-nos, vamos mostrar ao mundo as barbaridades de que somos vítimas”,

esta mensagem, compartilhada em grupos de WhatsApp, revela como a documentação digital se tornou uma ferramenta central de resistência.

O legado destas práticas, materializado em milhares de registos digitais, não apenas documenta um momento histórico, mas estabelece novos parâmetros para a articulação entre repressão e resistência no contexto moçambicano. A documentação sistemática da violência policial através das redes sociais emerge assim como elemento central desta nova forma de resistência política, onde cada acto de repressão é transformado em evidência que alimenta novos ciclos de mobilização.

Trilha Sonora da Resistência: Azagaia e a Memória nas Redes Sociais

Se a documentação digital da violência policial forneceu evidências visuais da repressão, foi através da memória do *rapper* Azagaia que os manifestantes encontraram uma linguagem comum para articular o seu descontentamento. Falecido em 2023, Azagaia emergiu nas manifestações de 2024 como uma referência cultural que permitiu conectar diferentes momentos históricos de resistência, transformando registos de violência em narrativas mais amplas de luta social.

“Azagaia disse: Povo no poder! E hoje gritamos as mesmas palavras. Ele viu o que estava por vir. Como ele, não nos calamos”,

esta mensagem, que circulou extensivamente nas redes sociais, demonstra como sua memória foi mobilizada como instrumento de resistência.

As redes sociais transformaram-se em espaços onde as músicas de Azagaia ganhavam novos significados no contexto das manifestações.

“CANTAMOS COM AZAGAIA: ‘As mentiras das verdades já não colam, O povo já não é alienado’. Nossa luta é continuação da dele”,

mensagens como esta circulavam constantemente no X, conectando lutas presentes com memórias de resistência.

A letra

“O povo no poder, não é slogan/É guerra civil sem armas, propaganda contra censura/Contra ditadura...”,

frequentemente entoada durante as manifestações e compartilhada em redes sociais, exemplifica como referências musicais eram mobilizadas para articular o descontentamento. A metáfora da “guerra civil sem armas” era constantemente citada para enfatizar o carácter pacífico, mas determinado dos protestos.

Durante as manifestações, as músicas de Azagaia não eram apenas trilha sonora, mas forneciam um vocabulário político específico para articular o descontentamento. As suas letras, que frequentemente partiam de situações quotidianas para desenvolver análises mais amplas do sistema político e social, eram estrategicamente mobilizadas pelos manifestantes.

O repertório musical de Azagaia revelou-se particularmente eficaz na articulação do descontentamento por sua capacidade de conectar experiências pessoais com críticas estruturais. Através de sua figura, o descontentamento encontrou não apenas expressão cultural, mas articulação política efectiva,

permitindo que diferentes gerações articulassem as suas formas específicas de descontentamento.

Esta manifestação particular do descontentamento articulado, onde memória cultural e mobilização política se entrelaçaram, exemplifica como os movimentos sociais contemporâneos em Moçambique desenvolvem capacidades sofisticadas de articular diferentes registos de resistência em uma narrativa coerente de transformação social. Através da figura de Azagaia, o descontentamento encontrou não apenas expressão cultural, mas articulação política efectiva.

Conclusão

A análise das manifestações em Maputo em Outubro de 2024 revela como diferentes plataformas digitais foram transformadas em instrumentos sofisticados de resistência política. O movimento desenvolveu uma apropriação estratégica das redes sociais, onde cada plataforma assumiu funções específicas dentro de um quadro mais amplo de mobilização:

- o *WhatsApp* emergiu como ferramenta crucial para coordenação táctica imediata,
- o *Facebook* como espaço de elaboração de narrativas políticas,
- o *X* como ambiente de análise política elaborada,
- e o *Instagram* como arquivo visual poderoso dos protestos.

Esta utilização estratégica das redes sociais foi particularmente significativa na articulação do descontentamento de uma juventude educada que vive a contradição entre formação académica e exclusão económica sistemática.

A documentação sistemática da violência policial através das redes

sociais emergiu como elemento central desta nova forma de resistência. Cada acto de repressão era rapidamente transformado em evidência que circulava digitalmente, alimentando novos ciclos de mobilização.

A dimensão cultural do movimento, particularmente através da figura do *rapper* Azagaia, permitiu articular diferentes temporalidades de resistência. As suas músicas forneceram não apenas uma trilha sonora para os protestos, mas um vocabulário político que conectava experiências pessoais com críticas estruturais ao sistema vigente.

O que emerge desta análise é uma compreensão de como movimentos sociais contemporâneos em Moçambique desenvolvem capacidades sofisticadas de utilizar tecnologias digitais para articular diferentes formas de descontentamento. A juventude educada demonstrou particular habilidade em transformar experiências individuais de privação em críticas estruturais ao sistema, desenvolver tácticas adaptativas de resistência, e construir redes efectivas de solidariedade.

Esta apropriação estratégica das redes sociais produziu formas de organização política simultaneamente flexíveis e resilientes. Quando uma via de comunicação era bloqueada, os manifestantes rapidamente migravam para outras plataformas. Quando a repressão se intensificava, novas tácticas eram desenvolvidas. Esta capacidade de adaptação, combinada com protocolos sofisticados de segurança digital e de redes de solidariedade económica, demonstra como o movimento desenvolveu significativas capacidades técnicas e organizacionais.

As manifestações de Maputo em 2024 representam, assim, um momento singular onde tecnologias globais foram apropriadas para servir lutas locais por transformação social. Através das redes sociais, diferentes formas de descontentamento económico, político, social e cultural foram articuladas em um projecto coerente de resistência, demonstrando como movimentos sociais contemporâneos em África desenvolvem formas inovadoras de mobilização política.

Referências Bibliográficas

- Comaroff, Jean & John, 2012, *Theory from the South: Or, how Euro-America is Evolving Toward Africa*. Boulder: Paradigm Publishers.
- Honwana, Alcinda, 2013, *The Time of Youth: Work, Social Change, and Politics in Africa*. Sterling: Kumarian Press.
- Miller, Daniel, 2016, *Social Media in an English Village*. London: UCL Press.

Notas

1. Azagaia, cujo nome verdadeiro é Edson da Luz, foi um renomado cantor de hip-hop moçambicano. Azagaia ganhou destaque por suas músicas de intervenção social, que abordavam questões políticas e sociais do país
2. Um thread é uma sequência de publicações conectadas que permite ao usuário compartilhar informações ou ideias de forma mais longa e detalhada, já que cada publicação individual no X tem um limite de caracteres (atualmente 280 caracteres por publicação)
3. Hashtags são palavras ou frases precedidas pelo símbolo #, usadas nas redes para categorizar conteúdos e facilitar a busca por temas específicos.
4. Stories são publicações efémeras nas redes sociais que desaparecem automaticamente após 24 horas.